

**DES/OBEDIÊNCIA NA ARTE/EDUCAÇÃO: EXPERIMENTAÇÕES
DISSIDENTES NA ESCOLA ESTADUAL MÁRIO QUIRINO DA SILVA –
MACAPÁ/AP**

***DIS/OBEDIENCE IN ART/EDUCATION: DISSIDENT EXPERIMENTS AT THE
MÁRIO QUIRINO DA SILVA STATE SCHOOL – MACAPÁ/AP***

Crémerson Aparecido da Rosa¹
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Associado/a/e ANPAP: **não**

Valéria Pinto Morais²
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Associado/a/e ANPAP: **não**

Fábio Wosniak³
Universidade Federal do Amapá – UNIFAP
Associado/a/e ANPAP: **sim**

RESUMO

O artigo aborda a forma como as práticas artístico-pedagógicas decoloniais, implementadas no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na Escola Estadual Mário Quirino da Silva localizada em Macapá/AP, interagem com o ensino, a pesquisa e a extensão, a fim de confrontar a colonialidade do conhecimento. Baseando-se em Freire (2021), Mignolo (2010; 2019), Gómez (2019) e Escobar (2021), argumenta-se que a investigação-criação atua como uma estratégia para a produção de conhecimentos fronteiriços, que favorecem a autonomia, a justiça cognitiva e a consciência socioambiental tanto de professores/as quanto de alunos/as. O estudo ressalta a investigação em curso acerca da Arte/Educação dissidente e da abordagem das encanterias (Wosniak, 2022; 2023; 2024; 2025).

Palavras-Chave: Arte/Educação dissidente. PIBID. Investigação-criação. Decolonialidade.

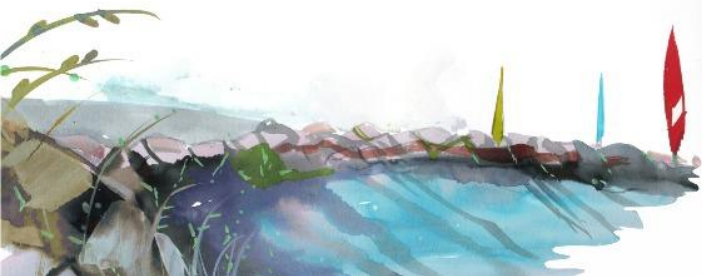
ABSTRACT

This article addresses how decolonial artistic-pedagogical practices implemented in the Institutional Program for Teaching Initiation Grants (PIBID) at the Mário Quirino da Silva State School located in Macapá/AP interact with teaching, research, and extension in order to confront the coloniality of knowledge. Based on Freire (2021), Mignolo (2010; 2019), Gómez (2019), and Escobar (2021), it is argued that research-creation acts as a strategy for the

¹Crémerson Aparecido da Rosa. Bolsista PIBID. Discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Federal do Amapá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4882009611876749>.

²Valéria Pinto Morais. Bolsista PIBID. Discente do curso de Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Federal do Amapá. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5427932930616755>.

³Fábio Wosniak é doutor em Artes Visuais pela UDESC (2019). Professor efetivo do curso de Artes Visuais da UNIFAP (Macapá) e docente permanente do PPCULT/UNIFAP, colaborador no PROFArtes/URCA. Coordena o projeto de extensão “Encanterias” e o LABPOD, lidera o GEPDAV (CNPq/UNIFAP), atua como editor-gerente da Revista Encanterias e exerce a primeira secretaria da ANPAP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6525393533253057>.



production of border knowledge, which favors autonomy, cognitive justice, and socio-environmental awareness of both teachers and students. The study highlights ongoing research on dissident Art/Education and the approach to “encanterias” (Wosniak, 2022; 2023; 2024; 2025).

KEYWORDS: Dissident Art/Education. PIBID. Research-Creation. Decoloniality.



Imagem 1. Atividade desenvolvida na E.E Mário Quirino da Silva, 2025. Acervo dos autores.

Entender a arte envolve identificar suas múltiplas maneiras de criação e examinar os significados que ela suscita. Pesquisas recentes, fundamentadas na liberdade criativa da arte contemporânea e na arte/educação, demonstram que abordagens poéticas alternativas expandem os repertórios e fortalecem o potencial transformador da linguagem artística. O cenário contemporâneo, considerado um ambiente propício à criação, incentiva a investigação de materiais, técnicas e narrativas. Dessa forma, a atividade de criar ou refletir esteticamente vai além da mera narração de acontecimentos ou sentimentos, promovendo reflexões críticas e novas interpretações da realidade.

Dessa forma, ao mudar o foco da maneira de fazer/pensar a Arte hegemônica para a criação de possibilidades outras - dissidentes, os critérios de valorização também se alteram, impactando diretamente o âmbito da arte/educação: expande-se a oportunidade para que existências e experiências que historicamente foram silenciadas pela modernidade/colonialidade sejam reconhecidas como legítimas.



Essa compreensão beneficia, sobretudo, estudantes que, à luz dos padrões convencionais das artes visuais, antes eram considerados “inaptos”, pois lhes abre espaço para expressarem suas próprias ideias. Afinal, “o paradigma que muitas vezes orienta o pensamento pedagógico em arte funda-se em critérios de arte de um tempo e de uma sociedade que não é essa na qual vivemos” (Cunha, 2019, p. 21).

Ainda hoje, o acesso ao campo artístico — especialmente à arte contemporânea, com suas múltiplas possibilidades de expressão — permanece restrito às camadas mais abastadas. No imaginário coletivo, a arte continua associada a uma prática contemplativa, cujo valor se mede pela técnica e pela precisão de execução. Por isso, nas escolas públicas, quanto mais amplo for o repertório de referências e compreensões acerca dos diversos modos de fazer artístico, maiores serão as oportunidades de investigar e expandir a capacidade expressiva dos/as alunos/as. Cabe ao/a professor/a, então, reconhecer os saberes que cada estudante traz de seu contexto social e estimulá-los a transformá-los em linguagem poética e crítica.

Pensar sobre o papel do professor na mediação de uma arte/educação autônoma, libertadora e que respeite as identidades culturais dos estudantes é uma tarefa que está presente em toda a formação docente. Durante as ocasiões de vivência e aprendizado na instituição de ensino, observamos que o docente não se limita a ser um transmissor de conhecimento; ele é, ainda, um profissional que deve observar atentamente o contexto social, cultural e emocional de seus alunos, estando preparado para ouvir, dialogar e aprender coletivamente.

Para Freire (2021), ensino e aprendizagem devem ser não autoritários. O docente incentiva o pensamento crítico, curiosidade e valorização identitária, vendo-se também como aprendiz contínuo. Isso exige escuta atenta, sensibilidade e construção colaborativa do conhecimento, sustentadas por vínculos afetivos entre docentes e discentes. Ao reconhecer os contextos culturais dos estudantes, a escola converte-se em espaço inclusivo, de pertença e coexistência de múltiplas existências. Uma escuta crítica que revela invisibilidades aproxima-se da arte contemporânea, rompe lógicas coloniais e instaura liberdade criativa, conectando vivências estudantis ao currículo e



fortalecendo autonomia, consciência histórica e compromisso social, emancipação coletiva por meio da expressão poética plural.

* * *



Imagem 2. Atividade desenvolvida na E.E Mário Quirino da Silva, 2025. Acervo dos autores.

O estudo apoia-se numa rede teórica que articula arte contemporânea, pedagogia crítica latino-americana e teorias decoloniais. Freire (2021), hooks (2017) e Walsh (2005) concebem a sala de aula como espaço de produção de saberes, não mera transmissão. Nessa chave, a arte/educação assume papel central de mediação entre experiência estética e consciência social - arte/educação dissidente (Wosniak, 2022; 2023). Ao dialogar com geopolíticas do sentir/pensar/fazer e estética decolonial (Gómez, 2019; Mignolo, 2010; 2019), emerge a figura do artista-professor-pesquisador enquanto “agenciador de sentidos” que relaciona materialidade, contexto e agência crítica.

A experimentação na arte contemporânea dissidente vai além da inovação formal: torna-se laboratório para futuros plurais (Escobar, 2021), interroga regimes de (in)visibilidade e desafia hierarquias de saber, poder e sentir. Partindo da premissa de que toda obra tem implicações epistêmicas e políticas, esta investigação-criação



adota três objetivos (Mignolo; Gómez, 2021): examinar como estratégias colaborativas reconfiguram a participação periférica; analisar de que modo repertórios culturais locais confrontam concepções hegemônicas de arte; e refletir sobre uma pedagogia estética orientada à justiça social. Tais metas exigem dispositivos de autoria compartilhada, experimentação e crítica reflexiva permanente.

A arte/educação dissidente, conforme descrita por Wosniak e Santos (2024), pode ser entendida como uma prática que deliberadamente se desvia dos currículos convencionais e das classificações disciplinares, a fim de estabelecer processos de “desaprendizagem” — ou seja, uma suspensão crítica dos conhecimentos estabelecidos que legitimam quem produz, o que é ensinado e como se realiza a avaliação no contexto escolar.

Ao discutir a herança de modelos eurocêntricos focados na técnica e na contemplação, a arte/educação dissidente combina teoria e prática estético-pedagógica para demonstrar que a aprendizagem artística adquire significado ético somente quando permite o questionamento das próprias estruturas de poder que a sustentam. Nesse contexto, a arte/educação dissidente redireciona a atenção da mera reprodução de estilos e cânones para a criação de linguagens que possam expressar experiências asfixiadas, incentivando docentes e discentes a explorarem formas outras de produção estética que se conectam a lutas sociais.

Essa abordagem, que vai ganhando fôlego nas encanterias amazônicas, impõe a superação da lógica da excelência individual, a fim de enaltecer processos coletivos de autoria, discussões acerca da desigualdade e o reconhecimento dos contextos culturais dos aprendizes. Ao introduzir as “Encanterias” como abordagem teórico-metodológica, a arte/educação dissidente evidencia que o desapego em relação a certezas – desaprendizagens - não apenas possibilita a reconfiguração da participação dos estudantes, mas também provoca a desestabilização de hierarquias entre a arte erudita e as culturas populares, estabelecendo zonas de contato nas quais as diferenças se transformam em potência criativa. Desse modo, a arte/educação dissidente não se configura como uma vertente adicional, mas sim como um dispositivo crítico que reintroduz a sala de aula na esfera pública: um espaço de



articulação político-estética onde se desenvolvem habilidades de imaginação transgressora, essenciais para a construção de futuros plurais e socialmente justos.

Dando continuidade à abordagem das Encanterias proposta pela arte/educação dissidente, a pesquisa-criação elaborada por Mignolo e Gómez (2021) emerge como uma estratégia epistemológica que provoca a divisão moderna-colonial entre teoria e prática, estabelecendo um âmbito em que a produção estética e o pensamento crítico se interrelacionam. Ao examinar uma situação em uma instituição de ensino superior de artes na América Latina, o autor ressalta de que forma a “decolonialidade estética” demanda, simultaneamente, mudanças institucionais e metodológicas: mudanças institucionais, uma vez que requer que as universidades validem as artes como formas legítimas de produção de conhecimento; e mudanças metodológicas, pois estabelece protocolos de investigação fundamentados em processos de experimentação coletiva, em contraste com procedimentos verificadores.

Nesse sentido, a sala de aula transforma-se em um laboratório de conhecimentos híbridos, no qual performances, instalações e registros sonoros atuam como dispositivos de investigação acerca da colonialidade do sentimento. A transformação de expressões artísticas em instrumentos analíticos, ao mesmo tempo em que desestabiliza as hierarquias disciplinares, possibilita a cartografia de como o corpo, os afetos e a memória atuam na construção de realidades: cada vivência sensível é abordada como uma pista que indexa conflitos geopolíticos, violências epistêmicas e insurgências culturais. Dessa forma, a pesquisa-criação sugerida por Mignolo e Gómez relaciona-se à noção das Encanterias e da Arte/Educação dissidente (Wosniak; Santos, 2024), uma vez que ambas rejeitam resultados finais estabilizados, favorecendo trajetórias onde o inacabado e o contraditório sustentam a emergência de narrativas diversas.

Essa abordagem gera, além disso, implicações pedagógicas fundamentais para iniciativas de arte/educação que se comprometem com a justiça social. Ao convidar estudantes a desempenharem a função de coautores, a pesquisa-criação estabelece áreas de intersecção nas quais experiências oriundas das periferias urbanas, dos territórios indígenas ou das culturas afro-diaspóricas começam a constituir o núcleo



da discussão acadêmica. A posição do/a professor/a transforma-se em uma curadoria dialógica: ele/a intermedeia conflitos de interpretação, sugere mediações intersemióticas e assegura condições materiais para que diversas linguagens sejam ouvidas em igualdade de circunstâncias. Nesse contexto, diários de bordo, vídeo-ensaios e exposições temporárias substituem os relatórios monográficos, ampliando a validade científica do sensível e do performático. Ao integrar-se a esse circuito de circulação pública, cada processo-experimento-estésico não somente transmite descobertas, mas também ressignifica o debate ético acerca de quem tem a capacidade de gerar conhecimento e para qual fim ele é destinado.

Dessa forma, a pesquisa-criação de Mignolo e Gómez (2021) se alinha às preocupações decoloniais deste estudo: desmantelar a hegemonia da racionalidade ocidental, valorizar epistemologias situadas e desenvolver pedagogias que integrem as dimensões afetivas do aprendizado. Essa percepção antecede a análise que será realizada no próximo tópico, onde se explorará de que maneira as geopolíticas do sentir/pensar/fazer intensificam a crítica aos regimes perceptivos que legitimam desigualdades, consolidando uma prática educacional que une reflexão estética e transformação sociopolítica.

Localizar as geopolíticas do sentir/pensar/fazer, conforme argumenta Gómez (2019), envolve o reconhecimento de que as vivências sensoriais não são universais, mas permeadas por narrativas coloniais que estabelecem hierarquias entre gostos, afetos e sistemas de visibilidade. A decolonialidade estética, nesse contexto, sugere romper com o pacto moderno que estabeleceu as sensibilidades europeias como norma global, ao mesmo tempo em que silencia as gramáticas perceptivas de origens negras, indígenas e populares. Ao invés de meramente agregar novos conteúdos aos museus ou aos currículos, é necessário reestruturar de maneira significativa as maneiras de compreender, valorizar e contar a realidade. Dessa forma, sons de tambores ou representações gráficas amazônicas não são mais considerados como folclore exotificado, mas passam a atuar como epistemologias alternativas que questionam a predominância da visão ocular centrada.



Conforme o autor, essa transformação perceptiva requer recursos pedagógicos que possibilitem a ativação de memórias corporais, expressões vocais e narrativas cotidianas, as quais reposicionam o conflito como elemento central no processo de aprendizagem. Ao transferir a atenção da representação para a presença, a percepção transforma-se em um espaço onde se competem pertencimentos, humilhações desprovidas de razão e oportunidades de futuro, interligando estética e emancipação social sob uma mesma perspectiva crítica. Esse reposicionamento amplia a ética da sala de aula dissidente, promovendo uma expansão ainda maior.

Na prática educacional, as geopolíticas do sentir/pensar/fazer atuam como uma cartografia de emoções que orienta tanto os conteúdos quanto a organização do processo-experimento-estésico. Gómez (2019) sustenta que cada configuração espacial — a organização das cadeiras, a seleção da iluminação e a intensidade do som — incorpora escolhas éticas acerca de quem tem a capacidade de ver, ouvir ou ser contatado; assim, alterar esses elementos significa redistribuir o poder.

Ao integrar trilhas de funk, narrativas de terreiro ou indícios de manifestações culturais tradicionais às atividades de investigação e criação, reconfiguramos o domínio sensível e, de forma concomitante, convocamos disputas históricas que transcendem o ambiente escolar. Nesse espaço ampliado, o corpo discente deixa de ser um simples corpo-receptor e passa a atuar como um corpo-sensor-coletivo, identificando tensões raciais, de gênero e de classe que se evidenciam nos pequenos gestos do dia a dia. O/A professor/a-curador/a, por sua vez, gera conflitos sem transformá-los em um consenso precipitado: disponibiliza mediações intersemióticas, incentiva escutas atentas e proporciona intervalos para que o silêncio se torne igualmente produtivo.

No final, a avaliação do aprendizado não se fundamenta no domínio técnico, mas na habilidade de lidar com incertezas e conceber associações inesperadas. Assim, as geopolíticas do sentir/pensar/fazer nutrem a pauta decolonial ao evidenciar que a alteração de percepções está intrinsecamente ligada à transformação de instituições e políticas públicas, viabilizando uma pedagogia amplamente transgressora e plural.



A ascensão da estética decolonial – ou *aesthesis* decolonial, conforme a terminologia empregada por Mignolo (2010; 2019) – apresenta uma estrutura conceitual que possibilita a interconexão entre a arte/educação dissidente delineada por Wosniak (2022; 2023), a investigação-criação e as geopolíticas do sentir/pensar/fazer mapeadas por Gómez (2019).

Enquanto a arte/educação dissidente move o aprendizado artístico para práticas insurgentes que desafiam os cânones euro-modernos, a *aesthesis* decolonial intensifica esse movimento ao criticar o “direito de olhar” como uma tecnologia colonial que estabelece hierarquias no sensível. Nesse contexto, a investigação-criação adquire a condição de um dispositivo metodológico que desestabiliza a dicotomia moderna entre o sujeito conhecedor e o objeto artístico: ao integrar a produção estética e a reflexão teórica, cria um “entre-lugar” onde se produzem saberes contextualizados e sensíveis.

É precisamente nesse espaço intermediário que as geopolíticas da percepção adquirem uma densidade epistêmica: elas evocam que cada sensação contém marcas coloniais, uma vez que foi historicamente condicionada a reconhecer determinados corpos, sons e cores como legítimos, enquanto relegava outros à invisibilidade. Dessa forma, ao convocar saberes afro-diaspóricos, ameríndios ou narrativas de pessoas dissidentes sexuais e de gênero, essas experiências executam um duplo movimento de desobediência: desvincula-se da estética universal e possibilita que afetos subalternizados se convertam em matrizes de pensamento. O desfecho resulta em uma ecologia estésico-pedagógica na qual o corpo coletivo da turma adquire a capacidade de ver, ouvir e imaginar a partir de variadas coordenadas sensoriais, concretizando a assertiva de que não há transformação social sem reconfiguração perceptiva.

Dez anos após propor a *aesthesis* decolonial, Mignolo (2019) enfatiza a necessidade de uma reconstituição epistêmico-estética que garanta a perenidade dessas práticas. Tal reconstituição reconhece a colonialidade como dispositivo continuamente atualizado em políticas educacionais, circuitos curatoriais e plataformas digitais. Nesse horizonte, a arte/educação dissidente configura campo de experimentação



pedagógica que rompe a monocultura do ver-dizer, enquanto a investigação-criação provê uma gramática operativa para pesquisar pela prática e pensar pela sensibilidade, produzindo conhecimentos fronteiriços necessários à justiça cognitiva e cultural.

As geopolíticas do sentir-pensar-fazer revelam quem fala, de onde se escuta, quem se intimida por ruídos e quem busca abrigo em imagens. Essa tríade compõe a pedagogia da presença, na qual gestos como deslocar cadeiras, ajustar luzes ou remixar arquivos coloniais viram intervenções epistemológicas. Ao reinscrever existências e afetos marginalizados no centro do ensino, a estética decolonial converte crítica em criação de mundos: materializa futuros plurais (Escobar, 2021) vividos coletivamente. Formar-se em artes visuais implica suportar tensões, aprender com erros e tecer parcerias inesperadas, pois toda reconfiguração sensível é também política.

* * *

Para tornar tangíveis as noções de investigação-criação, ativismo estético-pedagógico e estética decolonial abordadas no artigo, é imprescindível evidenciar de que maneira esses princípios se materializam em vivências práticas. Uma das expressões mais profícuas dessa intersecção entre teoria e prática se dá no contexto de projetos que consideram a sala de aula e o território como laboratórios dinâmicos de conflito epistêmico. É justamente nesse horizonte que irrompe o Laboratório de Experimentações em Poéticas Dissidentes (LABEPOD): suas práticas colaborativas dão corpo — e fricção criativa — às tensões e potências examinadas ao longo deste artigo.

O Laboratório de Experimentações em Poéticas Dissidentes (LABEPOD) constitui-se como um projeto que une pesquisa e criação – pesquisa-criação (Mignolo; Gómez, 2021), englobando investigação, produção e formação no âmbito da arte/educação. Baseado em uma análise crítica das relações de poder presentes na produção artística e cultural, o LABEPOD desafia normas estéticas e epistemológicas, sugerindo metodologias que incentivam práticas de resistência. Associado ao Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Cultura e Política



(PPCULT/UNIFAP), possui um enfoque extensionista e conecta professoras, professores, estudantes de licenciatura, pós-graduandas/os e comunidades externas à universidade em uma rede colaborativa que desfaz as barreiras entre criador e público, teoria e prática, arte e política, arte e vida, arte e pesquisa.

Por meio de laboratórios abertos, residências e pesquisas teórico-práticas, os integrantes do LABEPOD investigam como poéticas dissidentes expandem repertórios sensíveis, fortalecem a autonomia criativa e inauguram modos alternativos de convivência e reexistências. Assim, o LABEPOD insere-se nos debates contemporâneos sobre investigação-criação, geopolíticas do sentir/pensar/fazer e estética decolonial, reafirmando que cada ato artístico é, simultaneamente, disputa epistêmica e intervenção social.

Referenciados/as/es na prática artística de Castiel Vitorino Brasileiro — em particular no filme-ritual *Quarto de Cura* (2018) —, o LABEPOD adota a cura como um gesto estético-político que perpassa todas as suas atividades. Assim como Castiel, que desenvolve “situações estéticas-clínicas” em que o descanso, o resguardo e os saberes ancestrais afro-ameríndios desconstroem a lógica médica capitalista e sua temporalidade punitiva, o laboratório dedica-se a criar espaços efêmeros de liberdade onde corpos, vozes e memórias amazônidas — inclusive as de quem migrou — possam se reestruturar. Residências e laboratórios abertos são idealizados como espaços coletivos de “cura”: ambientes que se afastam da pressão pelo desempenho, onde o tempo se torna mais paciente, o afeto flui e a intimidade se transforma em elemento de criação. Ao rearticular pessoas a práticas de cuidado — imersões em mapeamentos sensíveis do espaço — o LABEPOD resgata para a arte a tarefa de promover a sobrevivência “em contrariedade ao que é permitido”, contestando a ideologia colonial que nega a alma a certos corpos e reivindicando, ao lado de Castiel, a capacidade de conceber futuros em que descansar, sonhar e criar constituam formas de resistência (Brasileiro, 2022).

As práticas pedagógicas do LABEPOD foram elaboradas no contexto do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/Artes Visuais-UNIFAP). Entre março e junho de 2025, foram realizadas 80 aulas, distribuídas entre turmas do 2º e



3º ano do ensino médio, totalizando 60 horas, estabelecendo-se como mecanismos de investigação-criação conforme apontado por Gómez (2019). Nesse contexto, licenciandos e licenciandas beneficiários de bolsas, professores supervisores da rede pública e docentes universitários juntaram teoria crítica, práticas artísticas e escuta coletiva para desafiar paradigmas coloniais que permeiam o cotidiano da escola pública na Amazônia. Desde a fase de planejamento, a equipe estabeleceu quatro eixos metodológicos que serviram como diretrizes éticas e pedagógicas ao longo de todo o trajeto.

O primeiro eixo refere-se à menção de artistas dissidentes da América Latina — indígenas, negros, LGBTQIA+ e feministas. Em cada oficina, portfólios de criadores tais como Denilson Baniwa, Castiel Vitorino Brasileiro e Gê Viana eram exibidos em rodas de conversa lideradas pelos próprios licenciandos. Essa fase rompia com o cânone eurocêntrico, conectando os alunos do ensino médio a repertórios estéticos que se harmonizam com vivências decoloniais e a corpos historicamente marginalizados, além de consolidar a formação crítica dos futuros professores, que é o propósito fundamental do PIBID.

O segundo eixo privilegiou práticas de baixo impacto ambiental e reaproveitamento de materiais. Sob orientação dos bolsistas, a turma coletava livros didáticos descartados ou esquecidos nas imediações da escola. O gesto pedagógico de ressignificar resíduos respondia ao compromisso político-ecológico do LABEPOD e dialogava com as metas do PIBID de integrar conhecimento acadêmico à realidade sociocultural local, revelando a violência ambiental da colonialidade e produzindo poéticas capazes de reinserir valor no que fora considerado lixo.

O terceiro eixo abrangeu a implementação de metodologias de des/obediência pedagógica (Moura, 2019; 2021). Em alinhamento com a proposta do LABPOD de inventar práticas estético-educativas em sala de aula, os bolsistas romperam com a estrutura disciplinar convencional: transitaram entre as carteiras, promoveram a horizontalização do diálogo, possibilitaram que os/as alunos/as redefiniram os intervalos e reorganizassem o ambiente de acordo com as demandas do processo criativo. Essa desobediência não visava a ruptura vazia, mas, ao contrário, a



afirmação de outros saberes, capazes de desconstruir as hierarquias entre professor e aluno, além de ampliar o engajamento crítico.

O quarto eixo foi a documentação reflexiva de forma sistemática. Os participantes registraram fotografias, vídeos curtos, áudios de relatos e anotações em diários de bordo, contribuindo assim para a formação de um arquivo digital colaborativo. Esse acervo desempenha uma dupla função: apoiar análises subsequentes — tanto de natureza qualitativa quanto quantitativa — e atuar como recurso formativo para os futuros professores/as. Ademais, ao reexaminar as imagens e os discursos que geraram, os discentes praticaram uma metacognição que fortalece sua autonomia intelectual, enquanto os bolsistas do PIBID aprimoraram as competências de pesquisa-criação imprescindíveis para uma docência crítica.

Estruturalmente conectados em cada reunião, tais quatro eixos constituem um método integrado que harmoniza a disciplina teórica com a liberdade criativa, possibilitando que a produção artística se transforme em uma prática de resistência, cuidado e emancipação coletiva. Dentro do âmbito do PIBID, essa perspectiva fortaleceu a inseparabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, aprimorando a formação dos licenciandos e promovendo a edificação de uma escola pública na Amazônia que seja mais receptiva a epistemologias dissidentes e que adote práticas ambientalmente responsáveis.

Em conclusão, as abordagens artístico-pedagógicas decoloniais implementadas no PIBID em Macapá evidenciaram que a investigação-criação pode servir como um instrumento eficaz para gerar saberes interdisciplinares, promover a autonomia de docentes e discentes, além de incentivar a justiça cognitiva e a consciência socioambiental. Apesar de os dados limitarem-se a uma única instituição pública de ensino, os achados indicam que a interação entre Arte/Educação dissidente, a abordagem das encanterias e teorias decoloniais transforma não apenas os processos formativos, mas também as concepções políticas referentes ao futuro da Amazônia. Dessa forma, a pesquisa enfatiza a necessidade premente de abordagens pedagógicas estéticas transgressoras que, ao questionarem a colonialidade do



conhecimento, promovam a construção de mundos pluriversais e sustentáveis em termos ambientais (humanos e não humanos).



Imagem 4. Atividade desenvolvida na E.E Mário Quirino da Silva, 2025. Fonte: Autores

Referências

BRASILEIRO, Castiel Vitorino. Quarto de cura: instalação, 27 m², Vitória, 2018. Disponível em: castielvitorinobrasileiro.com. Acesso em: 15 jun. 2025.

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. Como vai a arte na educação infantil? Revista Apotheke, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 1–15, 2019. ISSN 2447-1267. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/360557481_Como_vai_a_Arte_na_Educacao_Infantil. Acesso em: 23 de maio de 2025.

ESCOBAR, Arturo. Transições civilizatórias. In: ASHISH, Katari [et al]. Pluriverso: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Indignação: Cartas pedagógicas e ou-tros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

GÓMEZ, P. P. Decolonialidade estética: geopolíticas do sentir, do pensar e do fazer. Revista GEARTE, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92910. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92910>. Acesso em: 05 jan. 2024.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.



MIGNOLO, Walter D; GÓMEZ MORENO, Pedro Pablo. Reconstitución Estética Decolonial. Bogotá, Colombia: Sistema de Libros de Investigación Universidad Distrital Francisco José de Caldas, 2021.

MIGNOLO, Walter D. (2019). Reconstituição epistêmica/estética: a aesthesis decolonial uma década depois. *Calle 14: revista de investigação no campo da arte* 14(25), pp. 14-32. DOI: <https://doi.org/10.14483/21450706.14132>.

MIGNOLO, Walter. *Aiesthesis decolonial*. Calle 14, v. 4, n. 4, 2010.

MOURA, E. J. S. Des/obediência docente na de/colonialidade da arte/educação na América Latina. *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 6, n. 2, 2019. DOI: 10.22456/2357-9854.92905. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/92905>. Acesso em: 23 maio. 2025.

WALSH, C. *Pensamiento crítico y matriz (de)colonial. Reflexiones latinoamericanas*. Quito: Ediciones Abya-yala, 2005.

WOSNIAK, Fabio & SANTOS, Erlom da Silva. INVESTIGAÇÕES POÉTICAS DISSIDENTES NA COMUNIDADE AMAZÔNICA DE ANAJÁS: CONSTRUIR POTÊNCIA A PARTIR DE RITOS ANCESTRAIS. *Revista Da FUNDARTE*, 59(59), 2024 e1442. <https://doi.org/10.19179/rdf.v59i59.1442>.

WOSNIAK, Fábio. Desaprender, perguntar-se, escutar: rotas para pensar uma arte educação dissidente. *Palíndromo*, Florianópolis, v. 15, n. 35, p. 53–73, 2023. DOI: 10.5965/2175234615352023053. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/22809>. Acesso em: 28 jan. 2024.

WOSNIAK, Fábio. DESAPRENDIZAGENS – POR UMA ARTE/EDUCAÇÃO DISSIDENTE. In: *Existências: Anais do 31º Encontro Nacional da ANPAP*. Anais. Recife (PE) On-line, 2022. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/31ENANPAP2022/513529-DESAPRENDIZAGENS--POR-UMA-ARTEEDUCACAO-DISSIDENTE>. Acesso em: 27/04/2024.